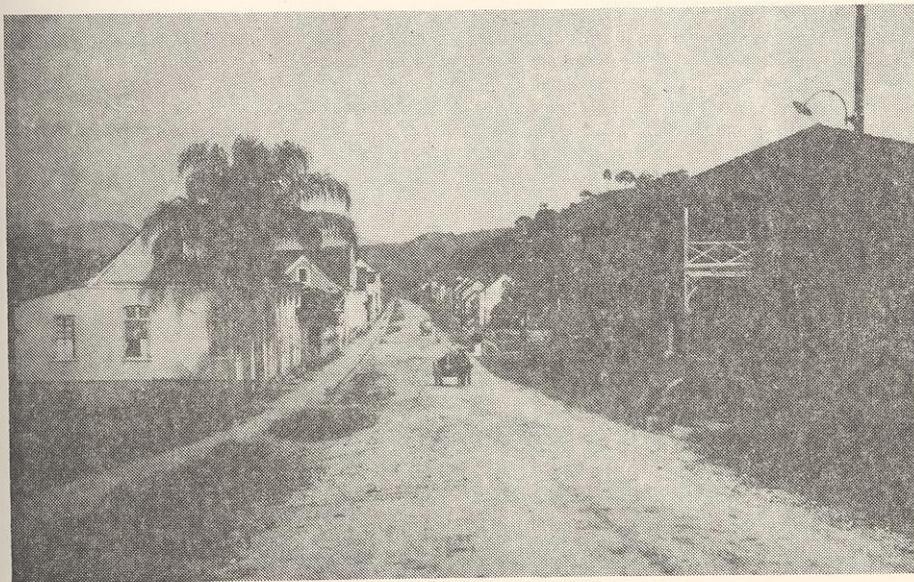




# NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

**BRUSQUE -** ONTEM E HOJE



ANO IX

Nº. 33

EDIÇÃO DA

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

# **Sociedade Amigos de Brusque**

Fundada a 4 de agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual n.º 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal n.º 73 de 9 de março de 1954

CGC 83.721.639/0001-93

**Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal 27**

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

**Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM**

---

**Notícias de "Vicente Só"**

**BRUSQUE - ONTEM E HOJE**

**Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim**

Registrada sob n.º 02 no Livro de Registros de Pessoas

Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

**Direção: Ayres Gevaerd**

---

Composta e impressa na Gráfica Bandeirante — Brusque — SC.

# NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

## BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano IX

Janeiro, Fevereiro e Março de 1985

Nº. 33

### Súmário

- |   |     |
|---|-----|
| 1 - Evilásio Gevaerd - Cronica familiar . . . . .   | 352 |
| 2 - Francisco Walendowsky . . . . .   | 365 |
| 3 - Reminiscencias - Continuação . . . . .  | 367 |
| 4 - Documentos da administração Barão<br>Maximiliano de Schnéeburg referentes<br>a junho e agosto de 1865 . . . . . | 375 |

---

CAPA: — Gentileza de Wolfgang L. Rau.

CLICHÊ — A tradicional Rua das Carreiras (Karrierbahn).

## E V I L Á S I O G E V A E R D

### CRÔNICA FAMILIAR



"Dia 20 de setembro de 1885, às seis e meia da manhã, nasceu EVILÁSIO."

Com este simples registro, Maria Luiza Corsin Gevaerd, casada com Carlos Luiz Gevaerd, incluiu seu 4º filho nas anotações genealógicas da família.

Foram seus irmãos: Geninho, Tancredo I, Júlio Eloy, Maria Júlia (Mimi), Tancredo II, Arthur, Alexandre Atanásio, Victor Ademar e Pedro Caio.

Excluindo os tres últimos, os demais filhos nasceram em Florianópolis, ou melhor Desterro, pois outra denominação meu pai não reconhecia.

Recebeu as primeiras letras com seus pais e, mais tarde, quando a família veio se fixar em Brusque por volta de 1890/91, foi matriculado na Escola Evangélica Alemã ao tempo do professor Moritz Lehmann. Nessa escola também foi professor, Luiz Carlos Gevaerd.

Educação religiosa recebeu nas doutrinas da Igreja Católica, entretanto, com maior presença, de sua própria mãe, que a imprimiu a todos os seus filhos com o exemplo da Bondade e da Caridade.

Logo que a família chegou a Brusque, Carlos Luiz, com mais tres irmãos, arrendou grande parte da fazenda Maluche (atual Jardim Maluche), dedicando-se especialmente ao plantio de café e cana, inclusive fabricação de açúcar e aguardente. Alexandre, seu pai, meu bisavô portanto, ao deixar a

Ilhota, fixou-se com a família em Desterro, depois em Brusque. Deixou traços de sua habilidade artesanal na feitura de canoas aqui na Fazenda Maluche. Entretanto, permaneceu por pouco tempo, regressando a Desterro, onde faleceu.

Alexandre gostava da aguardente que distilava, porém por um período de 6 meses; nos outros 6 meses do ano, permanecia perfeitamente sóbrio.

Meu avô, homem de apreciável cultura, porém inconstante na fixação profissional, poucos anos permaneceu na Fazenda Maluche. Passou a magistério como professor público e particular, acumulando com as funções de alfaiate, profissão da qual foi mestre. Interinamente exerceu os cargos de escrivão e coletor da Coletoria Estadual local. Mais tarde submeteu-se a concurso para o cargo de Tabelião, passando antes pelas funções de Escrivão, sendo aprovado. Anos depois, afastado do Tabelionato, foi por diversas vezes delegado de polícia.

Meu pai, assim como seus irmãos, trabalharam no engenho e nas plantações da referida fazenda. Aos poucos, porém, dispersaram-se, procurando cada qual atividade mais promissora.

A indústria textil local tomava impulso proporcionando empregos a jovens de ambos os sexos.

Papai foi tecelão na Fábrica Carlos Renaux, atividade que me foi lembrada, há pouco tempo ainda, pelo venerando tecelão Carlos Hage.

Minha mãe também foi operária na fábrica de cortinas de Eduardo Buettner, atividade que lembrava frequentemente.

Com o desenvolvimento industrial abriram-se em nossa Vila amplas perspectivas profissionais e comerciais, bastante promissoras. Florianópolis também dava, na época, possibilidades de ensino profissional e empregos por intermédio das grandes firmas importadoras e exportadoras e que se tornaram tradicionais no Estado.

Papai procurou uma dessas firmas, CARLOS MAYER, que mantinha então conceituada oficina de Relojaria e Ourivesaria, paralelamente ao comércio de relógios, jóias, porcelanas, cristais, instrumentos musicais, etc. Da casa Carlos Mayer saíram verdadei

ros mestres em relojoaria e ourivesaria, cidadãos que iriam estabelecer-se em outras cidades, por conta própria.

Quase dois anos papai permaneceu em Florianópolis, residindo na casa de tio Victor, com passagem na casa de outro tio, Pedro. Considerado em condições para o pleno exercício profissional, voltou a Brusque, instalando oficina e pequena loja comercial.

Em 1911 casou com Carolina Rosa Müller, filha de Guilherme e Emilia Krieger Müller. Como dote, Carolina Rosa recebeu de seus pais um terreno com frente para a rua Barão de Ivenheima e fundos com a rua da Escola Evangélica. A parte considerada fundos, anos depois meus pais a venderam para a Comunidade Evangélica e a parte maior, com frente para a atual Avenida Carlos Renaux, permanece com familiares, seus descendentes.

Do casamento de meus pais nasceram os seguintes filhos: AYRES, HARRY, EDU, EDITH, JENY, IRIS e MARIA AURORA.

Antes de relatar suas atividades comerciais, registro alguns aspectos do seu comportamento na família, na sociedade, seus hábitos, diversões e atividades outras.

Na educação de seus filhos não foi um pai rigoroso em excesso. Moderado, aplica-se melhor, principalmente com relação aos estudos e deveres de seus filhos e quando empregava corretivos. As punições mais frequentes eram aplicadas nos rapazes quando fugiam de casa; simplesmente papai os deixava em camiseta ou camisola, sem as calças. Lembrando as calças daqueles tempos, a usual chamava-se "Klapphose" -calça-alçapão, realmente práticas. A criatividade do Harry, entretanto, resolvia o problema: ageitava um saco de pano, cortava as pontas e o enfiava pelas pernas, ageitando-o na cintura.

A maior preocupação de nossos pais era o rio, procurado duas a tres vezes por semana pela "molecagem" e "marmanjos" para demorado banho. O nosso rio naqueles tempos não era poluído, mas dava preocupações pelo volume de água e poços.

Minha mãe se inclinava mais para as quatro filhas, imprimindo-lhes trabalhos domésticos e o artesanato. Minhas irmãs assimilaram muito bem o ensino de nossa mãe, notadamente nos trabalhos de crochê, bordados e afins.

Suas horas livres, papai dedicou-as à criação de canários e armação de artísticas gaiolas. A avicultura o entretinha mais demoradamente, prática que cultivou durante muitos anos. Eram raças preferidas: Rhode Island, Carijô e Leghorn branca. Em exposições promovidas conseguiu diversos prêmios.

Quando adquiriu o terreno na avenida Otto Renaux dividindo-o em sete partes ideais a seus filhos, aproveitou grande parte para pomar e criação de aves.

Muita alegria era reunir seus filhos e netos, aos domingos, oportunidade para feijoada, ocupando a tarde para jogos de cartas e bocha.

Gostava imensamente de pescar, tanto em nosso rio como no mar. Foi um dos primeiros brusquenses a adquirir um lote e construir casa em Balneário Camboriu e em Piçarras, com a participação de toda a família. Outras diversões eram os jogos de cartas, principalmente o "Skat". Durante anos participou de grupos que jogavam na famosa "Barbearia Natal", de Júlio Gevaerd, verdadeiro "antro" de jogatina que reunia conspícuos cidadãos brusquenses, às segundas feiras de tarde. Outros "antros" famosos: Casa Comercial de Guilherme Niebuhr, Parque Oswaldo Gleich, Sociedade de Atiradores, entre outros.

Na "Barbearia Natal" a visibilidade na sala era permanentemente confusa, em razão dos cachimbos, charutos e cigarros. As escarradeiras se conservavam limpas pois as cuspidas não as atingiam, formando pequenas lagoas pelo chão. Tio Júlio tinha uma habilidade rara (entre outras): cuspiu de "esguicho", sem tirar o cachimbo da boca. Na quaresma, como penitên

cia, ele não fumava, pendurando o cachimbo num prego, à vista.

Mas o que mais divertia meu pai eram as discussões e pareceres sobre qualquer assunto: doméstico, social, político, familiar. Foi sempre um conversador apaixonado que se inflamava quando defendia uma opinião pessoal. Esses hábitos se acentuaram quando deixou o comércio e quando sua visão começou a declinar. Nos últimos 10 anos permanecia na Relojoaria à espera de um "conversador", proporcionado quase sempre pelo irmão, o tio Pedro Gaio. Quando os dois ocupavam "suas" cadeiras na oficina, era sinal de permanência demorada e o assunto principal era a situação política e econômica do Brasil. Os políticos e os administradores corruptos não escapavam do fuzilamento, julgados sumariamente. Os assuntos não se esgotavam; mal um terminava, outro se apresentava. Muitas vezes, depois de tudo acertado, os dois olhavam para mim, com forte dose de sarcasmo e ares de menino preparando brincadeira: "Não tem, por acaso, o amigo e sobrinho algo a sugerir?". Lamento não ter gravado as palestras e opiniões desses dois ilustres cidadãos brusquenses. Um outro hábito, para encerrar: gostava de assobiar; mais acentuado quando tritava modinhas e músicas antigas, lembrando, certamente, seus velhos tempos.

-----

DADOS GENEALÓGICOS DO GRUPO EVILÁSIO GEVAERD - CAROLINA ROSA MÜLLER GEVAERD.

FILHOS: Ayres, Harry, Edu, Edith, Jeny, Iris e Maria Aurora.

1º - AYRES - casado com Evelina Ana Niebuhr  
Filhos: Jairo, Aymoré, Evilásio Guilherme, Naomi, Maria Léa e Ayres Fº

EVILÁSIO - Casado com Marilza.  
Filhos: Karina, Alessandra e Larissa.

NAOMI - Casada com José Augusto de Souza.  
Filhos: Talia e Naomi.

MARIA LÉA - Casada com José Pedro Backes.  
Filhos: Mônica, José Alberto e Hamilton.

AYRES FILHO - Casado com Ivone.  
Filhos: Tamara, Moana e Michele.

- 29 - HARRY - Casado com Alaide Heil.  
Filhos: Rogério Leví, Silene, Adelfo Lionel, Vandenir, Ricardo Josué e Eduardo Venício.
- ROGÉRIO - casado com Edith.  
Filhos: Déborah e Rafael.
- SILENE - casada com João Eduardo Di Pietro  
Filhos: Daniel, João Eduardo, Giuliano e Alessandra.
- ADELFO LIONEL - casado com Iára.  
Filhos: Francine e Harry Neto.
- VANDENIR - casado com Roseli.  
Filhos: Andréa, Vanessa e Cristiane.
- RICARDO JOSUÉ - casado com Mára.  
Filhos: Ricardo Alexandre, Marco Rodrigo e Fernando.
- EDUARDO VENÍCIO - Casado com Marly.  
Filhos: Eduardo e Roger.
- 39 - EDU - Casado com Felicidade Batista.  
Filhos: Júlia, Cesar, Melita, Júlio Atanásio e Regina.
- MELITA - Casada com Alvino.  
Filho : Gerson.
- JULIA -casada com Rubens.  
Filhos: Katia Helena e Claudia Lorena.
- CESAR - Casado com Oriete.  
Filhos: Fabrício e Ivan Cesar.
- JÚLIO ATANÁSIO - Casado com 1) Maria José  
2) Maria  
Filhos: Edú, Loise e Anna.
- 49 - EDITH - Casada com Ernesto Guilherme Hoffmann  
Filhos: Conrado Roberto, Anete e Ligia.
- CONRADO ROBERTO: Casado com: 1) Iára  
2) Benedita  
Filhos: Conrado, Fabiana, Rodolfo, Djalmar Simone, Micheline e Guilherme.
- LIGIA: Casada com Wilson Morelli  
Filhos: Vanessa, Wilson e Larissa.
- 59 - JENY - Casada com Heinz Krieger  
Filhos: Joel, Geraldo, Ronald e Roberto.
- JOEL : Casado com Vani.  
Filhos: Joel, Eduardo e Artur Guilherme
- GERALDO : Casado com Gisele  
Filhos: Simone e Rachel

- RONALDO: Casado com Maria da Graça  
Filhos: Andresa e Ana Paula.
- ROBERTO: Casado com Frieda.  
Filho : Deniel.
- 69 - IRIS -. Casada com Ervino Seyferth.  
Filhos: Rubens, Giralda, Bruno, Maria Emília, Mirna, Maria Luiza e Walter.
- RUBENS - Casou com Inês.  
Filhos: Ricardo e Patrícia.
- BRUNO : Casou com Helena.  
Filhos: Alessandra, Carlos Eduardo e Ana Carolina.
- MARIA EMILIA: Casou com Rodolfo R.R. Romano  
Filhos: Pedro e Izabela.
- WALTER: Casou com Iria.  
Filhos: Camila.
- 79 - MARIA AURORA - Filhos: Carolina, Iris Jane e Carlos Roberto.
- CAROLINA: Casou com 1) Euclides 2) Manoel  
Filhos: Eduardo.
- CARLOS ROBERTO: Casou com Marília.  
Filhos: Gabriela.

#### ATIVIDADES COMERCIAIS

Evilásio Gevaerd. Relojoaria, Ourivesaria, Ótica.  
OFICINAS

Iniciou atividades profissionais e comerciais próprias em 11 de março de 1910, conforme registro feito em um livro no qual anotava suas compras.

Aprendeu a profissão, conforme citei, em Florianópolis, na firma CARLOS MAYER, muito conceituada no ramo de relógios, jóias, instrumentos musicais, cristais, porcelanas etc. Ao encerrar o aprendizado, seu mestre e amigo presenteou-o com um relógio-pedestal, regulador, Hose, relíquia da firma.

Mantinha Carlos Mayer uma excelente linha de mercadorias importadas da Alemanha, que lhe permitia vender, grande parte, aos seus ex-aprendizes quando iniciaram atividades próprias. Assim foi com papai.

Certa ocasião arriscou incluir numa importação de Carlos Mayer, cerca de 25 relógios de parede. Chegados a Florianópolis, foram devidamente acondicionados e enviados a Brusque, via marítima, Itajaí. Lamentavelmente, quando já depositados na lancha de José Knihls e iniciada a viagem, ela foi ao fundo. Carlos Mayer assumiu grande parte dos prejuízos, atitude que papai lembrava sempre, com muita gratidão.

As compras discriminadas em livro, registram, também, fornecimentos de José Moritz e Paulo Baier, seus antigos colegas e amigos.

A partir de 1923/24 aparecem pequenas compras feitas fora de Florianópolis, compras que iriam multiplicar-se com o correr dos anos.

O avanço e o equilíbrio da casa foi sempre bom, dado o critério que meu pai soube imprimir. Não recordo um período difícil ou de compromissos sem solução. Mamãe não poucas vezes prestou serviços na relojoaria, principalmente quando papai viajava para Florianópolis, viagens que fazia com certa frequência para compras. Cuidava da limpeza, que era feita diariamente, na disposição das mercadorias na vitrine, etc.

Não foi fácil ao casal cuidar da relojoaria, das atividades domésticas e da educação de seus filhos que chegaram, rapidamente, a sete.

Com relação às viagens a Florianópolis, papai as fazia com as linhas regulares, semanais: carro de mola do senhor Hörner e com o "Benz" do senhor Guilherme Niebuhr (Willy). Várias vezes foi a cavalo, com pernoite em Canelinha.

Por volta de 1922/23 Victor Ademar, irmão de papai, exerceu atividade na relojoaria, como aprendiz. Havia também uma jovem, cujo nome não lembro, como balconista, por pouco tempo.

Quando a aquisição de mercadorias foi praticamente encerrada em Florianópolis, o mercado maior, como acontece hoje ainda, foi e é São Paulo, seguindo-se Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Os viajantes, em regular número, traziam diversas malas, com tabuleiros especiais, fazendo pronta entrega de relógios, jóias e bijouterias. Essa modalidade, muito arriscada, foi desaparecendo aos poucos.

Se a importação de relógios da Alemanha foi desastrosa, outras produziram bons resultados. Em

1929 papai importou cristais da firma Struss, Tohn & Co. de Hamburgo, e, em janeiro/fevereiro de 1935 de duas firmas da Tchecoslovaquia, bijuterias.

A linha comercial era bastante grande: relógios em geral, ourivesaria, bijuterias, instrumentos musicais, em especial sanfonas Hohner e Koch, gramofones, vitrolas e discos, porcelanas, cristais, artigos de eletricidade, etc.

À medida que os anos passavam, várias linhas de mercadorias eram substituídas por outras, sempre esperando melhores condições de venda.

Comecei a trabalhar com papai como lixador e limpador de ferramentas, de velhos despertadores e penduletas, por volta de 1924. Quando preciso, atendia o balcão e a limpeza da loja e oficinas.

À medida que os anos passavam, fui progredindo nas atividades. Creio ter sido um relojoeiro razoável, auxiliando meu pai dentro de minhas aptidões e do que ele me ensinou. Papai e eu periodicamente fundíamos ouro e prata, aproveitando moedas desses metais, cuja aquisição era relativamente fácil no interior do município, em Nova Trento, Tijucas e Limoeiro. As moedas: libras esterlinas, ducados, mil réis, etc. Certa ocasião um comerciante local nos comprou um relógio de bolso por 20\$000, pagando-o em moedas de prata de 960 réis.

Harry começou como eu, lixando e limpando ferramentas e laminadores. Quando exigido, fazia mover o torno do relojoeiro, permitindo a papai tornear tiges ou eixos de relógio.

Harry iniciou aprendizagem mais eficiente em Florianópolis, na Joalheria Boetcher, com aperfeiçoamento em São Paulo. Tornou-se um autêntico artista, idealizando e executando jóias em ouro e prata e pedras semi-preciosas.

-----

No início de 1941 papai me procurou: propôs a transferência da firma para seus sucessores naturais, Harry e eu, mediante balanço e pagamento em cotas, a combinar. Estava certo. Realizado, papai não tinha maiores ambições. A transação iria beneficiar toda a família, pois com o produto da transferência papai adquiriu área de terra que foi posteriormente dividida em sete partes iguais, uma para cada filho.

A partir de 1º de abril de 1941 a firma passou a chamar-se "AYRES GEVAERD", com idêntica linha e atividades.

A tradição, iniciada em 1910, iria ter continuidade, no mesmo local. No comércio brusquense, nossa casa comercial situa-se entre as tres mais antigas de Brusque.

#### MANUFATURA DE CIGARROS "BRUSQUENSE" 1920/22

Papai era um espírito irrequieto. Aceitava sugestões de seus familiares e amigos muitas vezes sem uma análise real, principalmente quando se tratava de negócios. Alguém falou-lhe numa pequena fábrica de cigarros, ramo que seria (?) seguro, com rentabilidade garantida. Da sugestão à instalação foi um passo. A matéria prima, fumo em latas e latões, papel especial e pequenos instrumentos, foram logo adquiridos.

Um gerente e seis moças que cuidavam da confecção, a mão, dos cigarros, ajudaram a lançar no mercado as marcas "Tiro de Guerra nº 317" e "Brusquense".

Não havia, porém, meio de confronto com similares fabricados. Não me recordo bem, mas a duração não atingiu dois anos. Outro fator importante: papai não dispunha de pessoa habilitada para dirigir a pequena empresa localizada na rua Don Pedro II, dependência da casa residencial de seu pai Carlos Luiz.

#### E.GEVAERD & KRAUSE

##### Torrefação e Moagem do café "CABOCLO"

Quem teria dado a meu pai a idéia de instalar uma torrefação e moagem de café? Refeito do desastre da manufatura de cigarros, começou os preparativos para outra empreitada. Teria um sócio, Sr. Luiz Krause. Cotas iguais, contrato feito, adquiriram um terreno na rua Centenário e lá instalaram a torrefação sob a orientação de Luiz Krause, assistência de papai, controle de escrituração de Carlos Luiz Gevaerd e mais dois ajudantes.

O sucesso veio logo e as vendas se estenderam rapidamente, inclusive para outras localidades: Blumenau, Gaspar, Itajai, Ilhota, Limoeiro, Nova Trento, Tijucas, Luiz Alves, etc..

As vendas de maior vulto, fora de Brusque, eram controladas por Carlos Luiz, cuidando da entrega e das cobranças, com a camioneta da firma.

Nos poucos livros que ainda existem, veem-se anotações dos dois sócios, de Carlos Luiz Gevaerd, de Alberto Gevaerd (tio avô), da minha mãe e algumas minhas, no controle de latas vazias.

Tio avô Alberto, solteirão, lembro-me vagamente, claudicava de uma perna em consequência de um tiro na revolução de 1893, substituía meu avô em seu impedimento ocasional, percebendo pequena remuneração.

O lucro foi compensador e o trabalho não poucas vezes requeria horas extraordinárias. Nessas ocasiões, papai deixava a relojoaria para ajudar seu sócio, algumas vezes até altas horas da madrugada.

A denominação E.Gevaerd & Krause, iniciada em 1921, foi até fins de 1926. Papai vendeu sua parte à firma Guilherme Strecker.

O produto da transação permitiu-lhe construir prédio de dois andares, residência da família e dependência para a relojoaria e respectivas oficinas. Foi a quarta casa que construiu. Neste prédio foi instalada, permitindo maior segurança e visão das mercadorias, uma porta de aço, rolante, adquirida em São Paulo por 779\$000, a primeira em Brusque.

#### EVILÁSIO GEVAERD - CINEMA

Tudo corria bem na relojoaria, com serviço normal para todos, Papai, Harry e eu. Papai havia alugado o chalé ao transferir-se para o prédio de dois andares. Esse chalé, a segunda casa que construiu, foi cópia de outro, existente em Florianópolis; na verdade, uma das casas residenciais mais bonitas, na época, em nossa cidade.

Apareceu papai com um plano simplesmente arrojado, inesperado: instalação de um cinema!

Havia então, em Brusque, o cine "Guaraní", do senhor Carlos Gracher, mas em Brusque, argumentava Papai, caberia perfeitamente bem, mais um, considerando-se a evolução do cinema sonoro!

Entendimentos foram feitos logo, com empresas que vendiam equipamentos, Philips do Bra-

sil e Byington & Co., em novembro e dezembro de 1933. Tio Pedro Gaio Gevaerd, pedreiro - construtor, procedeu ao estudo: seria adaptada a varanda do chalé para "sala de espera", extendendo-se o salão pelos fundos do terreno. Dos estudos iniciais, com o equipamento praticamente acertado, deu-se início da construção. Não me recordo o que aconteceu então: papai desistiu da empreitada. Dever ter pensado bastante e recebido conselho de amigos. Além disso, o custo da aparelhagem, do mobiliário, da instalação e da própria construção, devem tê-lo assustado. Recuou em tempo. A "sala de espera" do projeto cinema, iria servir para outra atividade, completamente diferente.

#### EVILÁSIO GEVAERD - LOJA DE ARMARINHOS E FAZENDAS

De 1934 a 1937 voltou papai a mais uma atividade comercial, bem longe de seu ramo inicial: fazendas e armarinhos. Tendo desistido do cinema, iria aproveitar o grande espaço que oferecia o salão entre as duas casas.

Essa sala adaptava-se perfeitamente ao novo ramo. Associaram-se papai e tio Arthur, seu irmão. A primeira grande compra de mercadorias deu-se em São Paulo, para onde viajaram em companhia de suas esposas.

A atividade maior coube ao tio Arthur, seguindo-se-lhe minha irmã Edith como balconista e meu pai, quando solicitado.

Tio Arthur permaneceu pouco tempo nessa atividade. Fez as contas e passou a cuidar de representações. Em seguida, com o casamento de Edith, papai liquidou a loja com resultado financeiro compensador. Desocupada a sala, papai adaptou-a para ampliar o comércio de artigos para presentes e eletricidade: lustres, arandelas, pendentives, etc. Tempos depois foi novamente desocupada e alugada para agência dos Correios e Telégrafos.

O próximo inquilino foi o irmão Edú, com bar, secos e molhados, por aproximadamente 4 anos.

## "GALO DE OURO"

Iniciativa de Arthur Gevaerd, com discreta participação de papai. Loja de comestíveis, bar e quartos para jogos carteados. Quando necessário, principalmente à noite, o mano Harry prestava ajuda.

Com o afastamento de meu pai e do Harry, tio Arthur desenvolveu a mesma atividade, incluindo suas representações, no mesmo local, prédio de João Freitas, "Galo de Ouro". Fez época como ponto de reunião para jogos de cartas, dominó e "bicho".

.....

Aí estão os traços biográficos de meu pai, com subsídios para a crônica da Família GEVAERD.

Foi um cidadão bom, modesto, correto; dedicado tanto ele como minha mãe, à família, seus amigos, atuantes na comunidade Brusquense.

Ao falecer, no dia 24 de junho de 1966, se achava perfeitamente lúcido. Encontrava-me à sua cabeceira, com suas mãos entre as minhas.

Minha mãe faleceu no dia 23 de outubro de 1981, contando 88 anos.

Rendo-lhes, com esta modesta crônica, no ano do centenário de seu nascimento e do 75º aniversário de sua Relojoaria e Ourivesaria, um preito de gratidão e de SAUDADE.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE  
FRANCISCO WALENDOWSKY

Francisco Walendowsky nasceu no dia 19 de dezembro de 1884. Pequeno, chegou ao Brasil, com seus pais e dois irmãos e, sendo criança, passou por grandes privações e provações que contríbuiam para formar sua personalidade: homem simples, de vontade férrea, trabalhador, o que marcou profundamente toda sua descendência.

Para todo imigrante que chegava à Colônia Itajaí, havia dificuldade em se estabelecer, em conviver com o ambiente selvagem e primitivo. E assim o foi também para MIECHAL, ALVINA e seus filhos.

Provenientes da cidade de Tomaszow-Manzowiecki, Polônia, estes imigrantes tinham esperanças de encontrar no território brasileiro condições para uma vida livre e melhor do que em sua pátria natal.

FRANCISZEK chegou ao Brasil em meio à agitação de Brasil-República, juntamente com seus pais Mieczal e Alvina Rostalky Walendowsky, e mais dois irmãos - Antonio e Kordula. Já no Brasil, Mieczal e Alvina tiveram mais dois filhos: Ignácio e Adolpho, este último ainda vivo.

Aportaram em Itajaí e, na sede da colônia de Brusque, foram encaminhados para o Ribeirão da Areia, hoje Botuverá.

A vida em Ribeirão da Areia não foi nada fácil. Além das lutas com moradores pela posse das terras, existiam na região índios que frequentemente atacavam os colonos. Do Ribeirão da Areia foram residir em Limeira, localidade mais povoada e segura. O acontecimento que provocou a mudança, foi terem visto um colono passar a cavalo com uma flecha cravada nas costas.

A vida na Limeira também trouxe dificuldades, entre elas um acidente com o pai, Mieczal, que fraturou a clavícula quando uma árvore caiu sobre ele, impossibilitando-o de trabalhar. A mãe, Alvina, assumiu o controle da situação e passou a trabalhar como lavadeira e engomadeira na sede da vila, enquanto os filhos Antonio e Francisco, procuravam alimentos, mais necessariamente palmitos e frutas.

Os irmãos de Francisco, Antônio, Ignácio e Adolpho, tiveram atividades distintas. Antônio foi sapateiro; Ignácio, voluntário no 1º Regimento de Infantaria do 3º Batalhão da 2ª Cia. , foi lutar na Guerra do Contestado e nunca mais se soube dele. Adolpho foi marceneiro, verdadeiro artista na profissão.

Francisco e Antônio, quando pequenos, tinham como uma de suas funções vir até a sede da Colônia para pedir esmolas, aliviando as necessidades da família. Posteriormente, sendo ainda solteiro, Francisco foi trabalhar como carroceiro para o Sr. Vicente Schaefer e o auxiliava aos sábados (quando havia casa - mento), no bar que este possuía.

Mais tarde passou a trabalhar na Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S.A. Para tanto vinha a pé da Limeira, onde morava ainda, até a fábrica, onde exercia o cargo de tecelão, das 6,00 às 21 horas.

Quando saiu da Limeira, veio residir na "Rua da Fábrica", atual Av. 1º de Maio, até falecer.

Casou-se em 1905 com ANASTÁCIA WIETKOWSKY. Tiveram sete filhos: Luiz, José, Felix, Romualdo, Inácio, Maria e Hilário.

Anastácia também era imigrante polonesa. Sua atividade como doméstica, cuidava da casa, dos filhos e de sua mãe Inês Wietkowsky, que, cega, morava com o casal.

Francisco, apesar de raras atividades sociais, foi fundador da Sociedade Beneficente de Brusque.

Na época da Páscoa, este admirável homem ainda tinha tempo para pintar ovos, com simetria e detalhes artísticos, que eram dados aos seus filhos, seguindo uma tradição doméstica dos países eslavos.

Quando se aposentou, tinha por passatempo o cultivo de orquídias, atividade esta que seu filho mais novo, Hilário, continua até hoje.

Francisco adotou o Brasil como sua legítima Pátria, fato evidenciado por ter seis filhos reservistas. Falava com correção, além do português, o alemão e o polonês.

No dia 3 de março de 1957 faleceu sua esposa. E com a idade de 79 anos, no dia 31 de março de 1964, falecia Francisco, vítima de derrame cerebral.

(Nota: Publicado no jornal local "O Município" - 1984)

Silvana Walendowsky

## REMINISCENCIAS

Do Jornal "NOVIDADES" - Itajaí - 1907

(Continuação do número anterior.)

Dizia o ferreiro Januário, morador em Desterro e pai de meu mestre, que um governador maneta que lá houve, sentava à sua mesa um tal Dias da Costa, rude mineiro, (que ainda tem parentes aqui), que lhe levava garrafinhas cheias de ouro em pó extraído de minas existentes em Itajaí; contava-se que em terras - que hoje pertencem a este município, um mineiro que estava explorando minas em um lugar foi matar o outro que fazia igual serviço em outro lugar; por denominação dada em tempos remotos temos um Ribeirão das Minas; já ouvi dizer que se encontram em território itajaíense grandes vestígios antigos, como escavações de exploração de minas, mas não sei onde; o que me parece fora de dúvida é que não tivemos incursão de exploradores de minas dilatando o povoamento.

Os bugres ainda vinham até bem perto de Itajaí. Não se sabia onde eram seus alojamentos, porque ninguém ousava ir procurá-los. Os seus ataques que, em geral, tinham por móvel o roubo, não eram frequentes mas traziam em constante preocupação a gente que vivia um pouco mais longe dos lugares mais habitados. Quem morava ou fazia roça a certa distância nunca estava sem armas e sem a companhia de outras pessoas; mesmo quando trabalhava na roça tinha perto de si espingarda carregada.

Muitos anos depois da minha vinda, o carpinteiro Bento Malaquias da Silva, (que aqui construiu diversas embarcações e casa no lugar em que reside hoje o Sr. Germano Thieme e que foi mais tarde o nosso primeiro coletor.) para fazer um engenho de serra no Limoeiro precisou enviar para o local vinte e tantas pessoas. Lá estive então uns 15 dias prestando meus serviços de ferreiro e ouvi, nos morros em volta, alaridos de bugres.

Os bugres só agrediam depois de com o maior cuidado e perseverança procurarem conhecer as circunstâncias em que se achavam as pessoas a quem queriam agredir e quando julgavam que a ocasião era a mais apropriada para serem bem sucedidos.

Aos caçadores não faziam mal porque, além de terem muito medo de armas de fogo, estes quando se aventuravam a internar-se para mais longe sempre iam em grupos.

Com referência a atentados de bugres, depois da minha chegada a Itajaí, lembro-me do seguinte: assaltaram João da Silva Mafra, em uma casa perto do lugar que hoje se chama porto do Escalvado, matando-lhe um ou dois escravos; mataram não sei onde um filho de José Paranaguá; fizeram fugir de um sítio para os lados de Itoupava um morador, acompanhando-o e sempre dirigindo-lhe flechadas quando ele descia pelo Itajai-mirim em uma canoa; por último mataram um filho do velho Francisco Cordeiro aqui em Cordeiros; Em Camboriu, em Alegres, pouco depois de minha chegada a Itajai massacraram de uma feita 16 ou 22 pessoas, entre crianças e adultos, os quais foram enterados no cemitério daqui; também em Camboriu, tendo os bugres assassinado um lavrador, um tal Sant'Anna, conhecido e aparentado em Itajai, internou-se pelos matos acompanhado de um irmão do assassinado e de outras pessoas, e matou a tiros um dos bugres inculcados que se dizia ser cacique, trazendo-lhe a cabeça, que veio para aqui e que eu vi ser de cor clara, sem barba, magníficos dentes e ter cicatrizes pelo rosto e introduzido um pau enfeitado de 15 centímetros de comprimento no lábio inferior do qual pendia; cabeça que, mergulhada em vinagre em um pote, foi remetida para o Desterro.

Algum tempo depois de eu morar em Itajaí, o Governo, com o fim de afugentar os bugres, mandou para o Belchior muitos soldados, que formavam uma companhia de pedestres, comandada pelo Major Henrique E tur, que era tenente do exército reformado e foi mais tarde o nosso segundo coletor, e tinham um sargento de nome Gregório Joaquim Coelho, que depois exerceu diversos cargos.

Essa força lá esteve bastante tempo. Muitas pessoas que faziam parte dela, por vezes, percorreram acompanhadas de vaqueanos, as matas, não constando que maltratassem ou mesmo que encontrassem bugres. É possível que só em virtude da presença dela, eles se retirassem para o centro da província.

Não resta dúvida, porém, que ela concorreu, para diminuir o receio de ataque de bugres, animar que viesse muito mais gente morar por aqui, e se estender o povoamento para mais distante do litoral e das margens dos rios.

### IIIª PARTE

As duas únicas autoridades em Itajaí - A direção do rio Itajaí-açu . - Os caminhos. - Alguns dos terrenos. - Casas no trajeto das ruas Lauro Müller e Pedro Ferreira. - Thomé Vieira Barbosa. - Consertos e construções de embarcações e o impulso que isso trouxe a Itajaí.

A 13 de junho último o Sr. Antonio da Costa Flores percorreu conosco, a carro, esta cidade para assim mais fácil e precisamente poder indicar, de modo minucioso, o que havia pelos anos de 1840 a 1844 na área que compreende o atual perímetro urbano.

Pelas 3 horas da tarde desse dia, em frente à sua residência na estrada da Barra do Rio, iniciamos a excursão, seguindo o carro em direção ao centro da cidade.

Por onde vai este carro, começou o Sr. Antônio Flores, até quase chegar à cerca da frente da chácara de Francisco Ezequiel Tavares, não existia estrada, nem mesmo caminho. Tudo isto por aqui era capoeira, com alguns trilhos tortuosos que se dirigiam da margem do rio para as poucas casas que havia, ou destas para roças.

Nas proximidades da casa em que tem negócio o meu vizinho Nilo Bacelar, morava uma das duas únicas autoridades que possuía o Itajaí - o juiz de paz Antônio Dias do Arzão, homem muito respeitável e bem arranjado, que faleceu pouco tempo depois da minha chegada.

O outro juiz de paz, de cujo nome não me recordo, era conhecido por juiz de paz de Cabeçadas, porque lá residia.

A pequena lagoa existente entre a casa de Domício Tapalipa e a de Francisco Ezequiel Tavares foi resultante da grande enchente de 1880. A porção de terreno que a separa do rio e por onde passa esta estrada é composta de aterro que o governo da ex-província mandou fazer.

Antes de se concluir este aterro, para facilitar a comunicação com a Barra do rio, abriu-se o caminho que vai em linha reta do largo do cemitério à casa em que tem funilaria Antônio Lopes Gonzaga.

A cerca de 20 metros ao sul da ponte próxima do edifício recentemente construído pela Companhia de Navegação Fluvial, caminho que passa pelo local em

que mora Angelo Rodi, se inclinava para a margem do rio e a acompanhava bem de perto até o lugar em que reside Germano Thieme e daqui é que se internava em direção à Barra do Rio. Esse trecho do caminho teve de ser mudado diversas vezes mais para longe da praia até ficar por onde hoje corre a estrada.

Parece incrível, mas a verdade é que grande parte desse trecho de caminho passava por onde hoje está o meio do rio.

O rio, a partir do ponto em que está a casa de Germano Thieme, para cima, deixou, nos últimos anos, formar uma extensa ponta de acrescidos e, para baixo, vinha quase em linha reta até chegar aos morros da Fazenda e aí se encurvava bruscamente, dirigindo-se para o mar; apenas na margem direita fazia primeiro uma suave curva côncava e depois, no ponto correspondente ao centro da povoação, uma curta curva convexa.

Pela ação das marés, de certos ventos e das enchentes, principalmente a de 1880, deu-se o seguinte: a curva côncava se foi transformando nesse fundo saco, que parece ameaçar a existência da cidade, e o rio tanto ganhou nessa margem, quanto perdeu na oposta, na qual as suas águas iam até a linha de mata mais alto que se vê; a curva convexa aumentou consideravelmente e a margem fronteira foi bastante escavada pelas águas e tomou a forma de leve curva côncava.

Nos terrenos que foram escavados para se formar o aludido saco existiam algumas casas, entre as quais a em que morava o escrivão de paz Francisco dos Passos, e que era situada nas vizinhanças do lugar em que ultimamente Germano Friese tem engenho de beneficiar arroz, e a do velho Francisco Gonçalves Tabalipa, cuja frente distava bastante da praia e cujos fundos distavam mais de uma árvore grande que se vê ao norte e perto do mencionado edifício da "Companhia Fluvial" e tão próxima da margem do rio. Também nos terrenos que foram escavados para se formar a curva côncava, na margem esquerda em frente à povoação, existiam casas, que desapareceram.

Tudo me leva a crer que, além da pouca frequência de chuvas e enchentes, o fato de ter o rio ficado, em geral, um pouco mais largo e acentuado essas curvas concorreu para que as suas

águas não corroam tanto e tão a miúdo o pontal, como antigamente.

O caminho da Barra do Rio vinha por onde está a rua Sete de Setembro e do ponto em que esta recebe a Rua República se inclinava para sair no lugar em que reside Antônio Martiniano da Silva, e daí seguia o trajeto da rua Hercílio Luz até em frente à casa do Major Agostinho, onde mandava um ramal, acompanhando a margem do rio, até o ponto em que reside João Gabriel e outro ramal que também acompanhava a margem do rio e que, na altura da atual residência de Alfredo Bittencourt, se dirigia para a praia, que daí em diante era o único caminho que havia para a Fazenda.

O caminho que seguia o trajeto da rua Hercílio Luz, em frente ao lugar do cemitério atual, se inclinava em direção aos morros, atravessava o da rua dos Atiradores, mais ou menos no ponto em que mora Januário Gabriel de Almeida, e os atravessava até onde se preparou terreno para o novo cemitério, e passando por terrenos presentemente de Mário Liberato, chegava a margem do Itajai-Mirim, onde agora a estrada desse rio encontra a de Brusque.

Os referidos caminhos tinham ramaes em direção a casas e roças, mas nenhum ramal, nem mesmo em pequeno trecho seguia o trajeto das ruas Brusque, Camboriu, Silva, Samuel Heusi, República, 13 de Maio, 11 de Julho, Vitória, Atiradores e 7 de Setembro, da rua Hercílio Luz para o sul. Onde estão todas essas ruas o que havia era capoeira.

A área da Fazenda vinha até o sopé do morro mais próximo do lugar em que se construiu o edifício dos Atiradores. Daí para o norte até onde agora mora Ângelo Rodi, os terrenos estavam assim divididos: 1º confrontando com o da Fazenda, o de Firmiano Correia, que morava em uma meiágua de pau a pique barreada, coberta de telha, que ainda há poucos anos existia na rua 15 de junho, entre a casa de D. Eugenia Silveira e a de Jorge Tzaschel, e tinha junto a uns pés de jaboticaba que existem no quintal deste, um engenho de fazer farinha de mandioca; 2º o de José Maria da Veiga, que tinha casa de morada no lugar em que está o edifício da escola alemã e engenho de fazer farinha que ficam junto a uns pés de jaboticabeira, que ficam ao lado da casa de Arthur Siqueira; 3º o do irmão daquele, João Maria da Veiga, que morava onde hoje é rua Hercílio Luz, em

uma casa situada no local em que está a que pertence a Lucindo Alves Pereira e foi do falecido Manoel Máximo, e engenho de farinha em frente, no lugar que há pouco se demoliu uma meiágua de madeira que estava ameaçando cair; o 4º o de um filho do velho José Coelho da Rocha, (morador do outro lado do rio) Conhecido por Juquinha Coelho, o qual residia onde tem casa a viúva Maria Porfírio e tinha perto engenho de fazer farinha; 5º o de Silvério Coelho, (mais tarde seu primeiro sogro) que era também filho desse velho, morava e tinha engenho de fazer farinha aos fundos da casa em que residia o nosso atual vigário, e fez um caminho que, partindo de sua moradia e passando entre a casa em que mora Alcibíades Seara e a de seu vizinho do norte, terminava na margem do rio, no ponto em que agora tem casa de negócio Carlos Seára Junior e então havia um rancho de canoas do mesmo Silvério.

Três das dez casas que se encontravam no trajeto da atual rua Lauro Müller, isto é, a do ferreiro Antônio Teixeira Canella, a do meu mestre e a do Major Agostinho, já indiquei onde estavam situadas. As outras 7 (sete) eram: casa coberta da palha na pequena elevação de terreno entre a meiágua da viúva do capitão Rocha e a rua 13 de Maio, onde morava Anna Machado que ainda viveu muitos anos, falecendo em extrema velhice; onde mora Alfredo Moreira, casa coberta de telha que pertencia ao carpinteiro Thomaz da Costa e que me parece ser ainda a mesma melhorada; onde mora Armando Müller dos Reis, casa de telha ainda não acabada e pertencente a Desidério Rodrigues da Conceição, casado com uma sobrinha de D. Felícia de Azevedo, proprietária da Fazenda; onde tem negócio e reside Jacob Heusi, casa de palha em que tinha venda (a única que havia em Itajaí) o português Manoel José Pereira, por alcunha Manoel Navalha, porque tinha a cicatriz de uma navalha que lhe cortou horizontalmente o nariz e parte de ambas as faces; onde reside e tem escola D. Alzira Büchler, duas meia-águas cobertas de telhas e contíguas, sendo uma do português Maneco Joaquim, conhecido Jacotunga porque estava com os cabelos da cabeça todos brancos, e a outra do português Antônio Vanswit; onde mora e tem negócio Marcos Konder, comprida casa de palha do carpinteiro da ribeira Manoel dos Passos.

Na parte média do trecho da rua 15 de Junho, entre a 15 de Novembro e a rua Lauro Müller, do lado da cerca do jardim de Emílio Coutinho havia uma casa de palha onde morava o indivíduo então mais querido do povo, Thomé Vieira Barbosa, antigo sapateiro e sacristão em Desterro e aqui não só isso como Sangrador, capelão de novenas e terços. Era coxo, muito bondoso, e tinha sempre muita gente em casa, principalmente aos domingos e dias de festa ou divertimentos.

As 4 casas que já disse que havia na rua Pedro Ferreira eram: onde tem negócio Bruno Malburg e Dia., casa velha coberta de palha e pertencente ao mestre Germano, carpinteiro; em parte da residência de Manoel Fontes e parte da casa de negócio de João Amaral, casinha de palha do passageiro do rio, o valho Francisco Leite, que fazia ponto de embarque e desembarque na praia em frente a atual praça da matriz, remava sentado e tinha uma trança de cabelo comprido como se fosse de mulher, trança que foi cortada a faca por um indivíduo que queria atravessar o rio e que ele maltratou como fazia a toda gente; no terreno baldio que existia entre a casa de negócios de Clorindo Palombo e a de moradia de Donat Luz, casa de telha, rebocada e caiada, mas tão velha que a maior parte do reboco já tinha caído, na qual casa morava um cunhado do major Agostinho que já era muito velho, tinha sido cirurgião de um batalhão em guerra que D. Pedro sustentou no sul - vomo não tinha cabelo na cabeça, usava chinô de cabelo branco; era conhecido pelo apelido de Jaguatirica, constava que tinha muito dinheiro e por isso tentaram uma vez roubá-lo arrombando-lhe o soalho da casa - depois que morreu se fizeram escavações e nada se encontrou; onde mora Emanuel Liberato, casinha de telha de José Maria Cordeiro, que possuía um sítio na vizinhança da Barra de Luiz Alves.

Das 14 casas que acompanhavam de perto a direção da margem do rio, só a do Major Agostinho é que tinha em frente, no local em que está o escritório de Asseburg & Cia., um rancho aberto em todos os lados, coberto de telha e de muito comprimento que era dirigido perpendicularmente à praia; neste rancho trabalhavam carpinteiros por conta do mesmo major. As outras 13 casas que tinham em frente era praia sem vegetação ou capoeiras, a espaços, cortada de caminhos.

No intervalo que fica entre o lado da casa de ne-  
gôcio de Bruno Malburg & Cia. que dá para praça da  
Matriz e o terreno mais perto da frente da igreja  
havia uma árvore de canela de grosso tronco, bastante  
alta e frondosa.

Pouco depois de eu estar aqui, chegou para  
ser consertada uma polaca, embarcação grande de três  
mastros; por meio de talhas e cabrestantes, envolven-  
do esse tronco, foi puxada para o lugar em que está  
hoje o jardim fronteiro à matriz; dizia-se que era  
de Gênova e vinha não sei se de Montevidéo ou Buenos  
Aires; pertencia a um tal Balão que trouxe nela mui-  
tos homens (que eram estrangeiros, mas falavam portu-  
gues) falquejadores e serradores de madeira, carpin-  
teiros, calafate etc. e o material necessário para a  
construção de navio exceto madeira.

Para agasalhar toda essa gente foi construí-  
do um vasto rancho no lugar em que, até a poucos me-  
ses, a Companhia Fluvial tinha uma casa de madeira e  
estaleiro.

Os consertos da polaca foram muito conside-  
ráveis: duraram bastante tempo: muitas pessoas aqui  
tiveram de auxiliá-los, procurando madeira pelos nos-  
sos matos, trazendo-as e fazendo outros serviços.  
Os pagamentos eram feitos em dinheiro de ouro. Itajaí  
nunca tinha visto tanta animação no trabalho e circu-  
lar tanto dinheiro.

Logo depois chegaram para sofrerem conserto  
outras embarcações (em uma das quais veio Luiz Demo-  
ro, pai de Manoel Agostinho Demoro, atualmente empre-  
gado da Alfândega deste Estado) e mesmo alguns navi-  
os foram inteiramente construídos.

O Itajaí, sem dúvida, deve o seu desenvol-  
vimento a muitas causas, mas foi na época de tais  
consertos e construções que recebeu o mais rápido e  
vigoroso impulso para se engrandecer.

Até 1889 ainda se podia facilmente ajuizar  
o que, quando aqui cheguei, havia na área que abran-  
ge o atual perímetro urbano; mas agora é difícil por-  
que, depois da proclamação da República, se constru-  
íram e se transformaram inúmeras casas, e as muni-  
cipalidades retificaram, prolongaram, abriram e ater-  
raram muitas ruas.

Nota: termina no próximo número.

Palácio do Governo da Província de Santa Catarina,  
em 22 de junho de 1865.

Em resposta ao objecto do seu officio de 8 do corrente, sobre o qual forão ouvidas a Thesouraria e a Repartição especial das Terras Públicas, e bem que com impugnação da primeira, nesta data tenha ordenado a mesma que, sob a responsabilidade desta Presidencia, pague a V.M. a somma de dous contos e vinte e tres mil trescentos e setenta reis (2:023\$370) como augmento de dotação a verba - Subsídios - e que V.M. julga indispensavel para saldar as despesas d'ella até o fim do corrente mez; sendo um conto douscentos e cincoenta mil reis (1:250\$000) que já a Presidencia lhe mandára entregar por officio de 27 de Outubro do anno passado em rasão do augmento de 64 colonos chegados durante o 1º e 2º semestre, mas que não obstante a dita Thesouraria lhe descontára no pagamento da totalidade do trimestre de Janeiro a Março, e setecentos setenta e tres mil trescentos e setenta reis (773\$370) que mais pedio óra em rasão das diárias accrescidas e a pagar e consequencia dos 77 colonos recebidos em Maio proximo findo.

Quanto porém á quantia de trescentos e oitenta e seis mil e cem reis (386\$100) cujo pagamento..... pede V.M. de despesas feitas, bem que..... me pareçaõ, mas para as quaes não foi consignado verba no orçamento, fica o pagamento dependente de positiva ordem do respectivo Ministerio nos termos da expressa prohibição do circular d'elle de 20 de Maio do anno findo, e a cujo conhecimento levo objecto para a devida deliberação.

Dando o Inspector da Thesouraria como absolutamente impossivel o abono óra da importância da consignação para despesas do 1º trimestre do novo exercicio, pela rasão de se não achar ainda aberta a caixa d'elles, cumpre que V.M. habilite pessoa nesta Cidade que receba a mesma importancia no principio do dito trimestre.

Deos Guarde á V.M.

assignado: O Vice-Presidente  
Francisco José de Oliveira

Está conforme: Barão de Schneeberg-Diretor da  
Colonia

Directoria da Colonia Itajahy Brusque, em 4 de Agos-  
to de 1865

Illmo.e Exmo.Snr.

Tenho a honra de enviar o incluso requerimento de João Dankwath à determinação de V<sup>a</sup>.Excia., e in-  
formo respeitosamente:- que sobre a conducta do re-  
querente nada posso dizer por não conhecê-lo, achar-  
se na olaria como trabalhador de um proprietario  
particular nas visinhanças do territorio colonial .  
Consta-me que já estava na Colonia Dona Francisca  
por dois annos simplesmente como jornaleiro, e que  
nunca fora colono em Estabelecimento nenhum do Esta-  
do.

Quanto ao lote de terras que requer, nada te-  
nho de dizer à favor nem contra o peticionário.

Mas quanto ao abono de subsidios e mais favo-  
res que elle requer taes como gozão os colonos no-  
vos, quando chegam, julgo que o peticionario não  
tem direito algum, e demais a diminuta quantia da  
Verba - Subsidios e mais despezas com colonos - or-  
çada por ora só em R\$ 2:400\$000 por todo o ano do  
presente exercicio seria ainda mais agravada por es-  
sa despesa, quanto esta verba já me impossibilita  
de pagar devidamente os colonos presentes até fins  
de Novembro, em que epoca findão os seis meses des-  
de as suas chegadas à essa colonia, como V.Excia.ve-  
rá detalhado no verso desta pagina.

Aos colonos penultimos chegados pertencem  
ainda 12 dias de subsidios pelo mes de Ju-  
lho, em que data acabam seus 6 meses de a-  
bonos de subsidios..... R\$ 150\$000  
aos 78 colonos ultimamente chegados  
pertencem ainda subsidios de Julho  
até quasi fins de Novembro, são 5 me-  
zes á R\$708\$000 na importancia de...R\$3:540\$000  
durante estes 5 mezes pertencem á  
criança orphão Schöning pela sua  
aleitação e tratamento á 8\$000 por  
mez..... R\$ 40\$000  
para a mesma criança orphão pertencem  
ainda suas mensalidades de 8\$000  
de Dezembro de 1865 à fins de Junho  
de 1866, ou sete mezes ..... R\$ 56\$000

por sementes e outras despesas com colo-  
 nos que ainda direito tem visto e,  
 aquelles que penultimo e ultimamen-  
 te chegarão..... R\$100\$000  
 pelo ajudatorio á construção de suas  
 casas conforme a ordenança do Go-  
 verno para essa colonia, 26 famili-  
 as á 10 Mil reis ..... R\$260\$000  
 faz um dispendio certo e inevita--  
 vel sômente até fins de Novembro  
 de 1865 de.....R\$4:146\$000

me faltarião assim 1:746\$000 e isso no caso que  
 durante todo o presente exercicio não recebesse mais  
 colono novo algum e se empregasse pelo devido paga-  
 mento até fins de Novembro, que são só 5 meses o or-  
 çamento inteiro de 2:400\$000 desta verba destinado  
 para exercicio inteiro até fins de Junho de 1866 -  
 e não sendo provavel nem conveniente que essa colo-  
 nia não receba mais colonos novos até Junho de 1866  
 mudar-se havia a conta em cima em quantia muito mai-  
 or proporcional, o que tudo já representei ao Gover-  
 no Imperial em officio na minha ultima estada em  
 Desterro, o qual Vª Excia. teve a nimia bondade e  
 justiça de motivar e enviar ao mesmo Imperial Gover-  
 no.

Deos Guarde á V.Excia.

O Director da Colonia  
 Barão de Schneeburg

Directoria da Colonia Itajahy - Brusque em 5 de  
Agosto de 1865

Illmo. e Exmo. Snr.

A vista do officio de VªExcia. de 15 de Maio de anno corrente, que só recebi por Copia do Director interino da Colonia Blumenau, na Barra d'Itajahy-mirim no meo regresso no mez de Julho á esta Colonia, com os mais papeis relativos á medição e demarcação das terras concedidas á Sallentien e Gartner como indemnisação, cujo officio e papeis por engano viajaram a Colonia Blumenau, donde forão remettidos e os recebi pela mão do Snr. Sallentien abertos e com a falta somente do officio do Snr. Delegado das Terras publicas do qual a copia mencionada faz menção de ser incluso.

Devolvo devidamente à V. Excia. os ditos papeis como o termo descriptivo da referida medição e demarcação, passado pelo agrimensor Frederico Heeren, o qual tambem fez as devidas declarações no mappa, que na copia do officio de VªExcia. forão mencionados.

Deos Guarde á VªExcia.

Illmo. e Exmo. Snr.  
Francisco José d'Oliveira  
Dgmo. 1º Vice Presidente da Provincia  
de Sta. Catarina

O Director da Colonia  
Barão de Schnéeburg

Directoria da Colonia Itajahy - Brusque

em 22 de Agosto de 1865

Illmo. e Exmo. Snr.

Em virtude do Officio de VªExcia. de 26 de Julho p.p. que sômente em 20 de Agosto corrente recebi, no qual em conformidade ao Aviso do Ministério d'Agricultura de data de 11 de Julho de 1865, dirigido à VªExcia. vejo que o Imperial Governo tem attendido as minhas reclamações, relativamente as insufficiências de algumas das verbas do Orçamento para essa Colonia pelo exercicio de 1865 á 1866; VªExcia. me ordena de indicar uma pessoa para ser feitor e proponho ser encarregado para presenciar e vigiar os trabalhadores unicamente na execução exacta das estradas, caminhos, pontes, e para que sejam restrictamente feitos conforme serão marcados, distribuidos e prescriptos por esse ramo de serviços, assim como propor a sua gratificação.

Outro sim VªExcia. me ordena de indicar um conductor das correspondencias (conductor das malas) desta Colonia ao correio publico da Villa d'Itajahy e vice versa com a gratificação que deva respectivamente receber por esse serviço.

Indico pois para o 1º serviço (de feitor) o colono Henrique Bettermann com a gratificação mensal de R\$50\$000, com a condição de ser encarregado nos dias de folga como guarda do armazem e dos objectos do Imperial Governo e em outros quaesquer serviços combattiveis, no mesmo tempo, que a Direção d'esta Colonia necessitar para os interesses do Governo.

Indico pelo 2º serviço (conductor de malas) o colono João Nagel com a gratificação de R\$25\$000 mensaes com a condição de fazer se for preciso quatro viagens por mez (4 idas e 4 voltas) punctualmente, salvo força maior de intemperies, nos dias precisos, ou a cavallo ou a pé, quando houver unicamente correspondencias a levar ou a trazer, - ou por canoa, quando houver volumes com objetos do Governo de levar ou de trazer.

Vã Excia. Se dignará aprovar essas propostas e de consignar as quantias respectivas ao meu procurador Fernando Hackradt em Desterro e de authorizar-me de encarregar quanto antes as ditas pessoas nêstes respectivos serviços, se assim por bem houver.

Deos Guarde Vã Excia.

Barão de Schnéeburg  
Director da Colonia

Illmo.Exmo.Snr.Francisco José de Oliveira  
Digmo.1º Vice Presidente da Provincia

Illmo. e Exmo. Snr.

Induzido pelo desejo de accabar com a desharmonia, que existe entre o Director d'esta Colonia o Snr. Barão de Schnéeburg e mim, tomo a liberdade de submeter a V<sup>ª</sup>E. uma sujeitada pedida.

Quando foi nomeado pelo Exmo. Snr. Expresidente Pedro Leitão da Cunha, como Agrimensor d'esta Colonia foi tambem confiado para dirigir e inspeccionar a factura de estradas e caminhos e incumbio-me com todas as minhas forças para executar estes trabalhos tambem o barato possivel, mas com o Snr. Director foi ordenado pelo Exmo. Snr. Pedro Leitão da Cunha de aceitar um projecto de trabalho com empreitada, que eu dirigio a Presidencia, formou-se o Snr. Barão de Schnéeburg desde o primeiro dia em que cheguei n'esta Colonia um odio contra mim.

Faz agora dois annos que empreguei-me neste serviço sosinho e nunca queixei-me, em tendo grande interesse na execução d'estes trabalhos. V<sup>ª</sup>Excia. foi na Colonia Dona Francisca e conhece os caminhos deste estabelecimento, dos quaes 12 legoas são feitos embaixo de minha especial direção e inspecção. Aqui nesta Colonia não tenho gratificação alguma para este trabalho, e mais ainda, o meo contracto de agrimensor é inferior do que os de todos os outros agrimensores do Imperio, mas por interesse a colonização fiz sempre o que podia na execução das obras públicas, porem nunca podia satisfazer o Snr. Barão de Schneeburg, que quasi nunca ausenta-se da povoação e que não obstante sempre me esta fazendo queixas da execução do trabalho; Exmo. Snr. estou prompto de soffrer a verificação mais minuciosa do lado de V<sup>ª</sup>Excia. nestas obras, que mandei fazer mas não pode mais soffrer estas queixas injustas do lado do Snr. Barão de Schnéeburg.

O Snr. Barão de Schnéeburg me comunicou agora, que tinha recebido ordem de V<sup>ª</sup>Excia. de propor a V<sup>ª</sup>Excia. uma pessoa para ser nomeado feitor nas obras publicas d'esta Colonia e que elle tinha a intenção de indicar a V<sup>ª</sup>Excia. para este emprego Henrique Bettermann.

Exmo. Snr. O Henrique Bettermann é declarado inimigo de mim e odiado tambem pelos outros empregados d'esta Colonia e ainda mais pelos Colonos, e como estou bem certo, que o desacordo entre o Snr. Ba

rão de Schnéeburg e mim augmentava ainda, logo que o mencionado H. Bettermann esta empregado no mesmo serviço, e como a minha ajuda, em quanto o Snr. Barão de Schnéeburg tem outra pessoa para inspecção os trabalhadores, é perfeitamente superfluo, peço muito humildemente a Vª Exia. de querer dispensar-me do serviço de dirigir e inspecção a factura de estradas e caminhos, deixando-me somente empregado como agrimensor nesta Colonia.

Deos Guarde à Vª. Excellencia

Colonia Brusque em 21 de Agosto de 1865

Illmo. e Exmo. Snr.  
Francisco José D'Oliveira  
Digno. 1º Vice Presidente da Provincia  
de Sta. Catarina

Frederico Heeren  
Agrimensor da Colonia  
Brusque

Número 33 — Ano IX — Tiragem de  
— 500 exemplares —

Patrocínio:

Sociedade Amigos de Brusque

Dr. Carlos José Gevaerd

Ayres Gevaerd & Cia. Ltda.

## Ayres Gevaerd & Cia. Ltda.

Joalheria - Relojoaria - Ourivesaria

Cristais - Porcelanas - Pratarias

Ótica - Oficinas Especializadas

### **TRADIÇÃO DE 75 ANOS**

Avenida Consul Carlos Renaux, 115

Caixa Postal, 27 - Fone: 55-0457

88350 - BRUSQUE

— SANTA CATARINA